

O MAIOR
DESAFIO DE ...

Martin Strel

Três vezes recordista
de travessia em
grandes rios

FÔLEGO

Não tem perfil
sarado, mas
nadava cerca
de 90 km em
12 horas por dia

O HOMEM-MÁSCARA

50 km separavam
as cidades. Na
peruana, crianças
fugiam. Na brasileira,
era só festa

XÔ, TUBARÃO

Durante o nado
noturno, pediu para
apagar a lanterna.
Tinha medo de
atrair predadores

O homem que veio do rio

Ele enfrentou piranhas, turbilhões e piratas para cruzar o Amazonas de ponta a ponta

Pela internet, os cinco continentes seguiam a recepção a um herói de guerra. Com a pressão no limite de um enfarte, 17 quilos mais magro, Martin foi acomodado numa cadeira de rodas e coberto com a bandeira do Pará. Nem ficou para a festa, foi direto para o hospital. De lá, mandou a mensagem: quer ser o embaixador do Amazonas

Mônica Manir

No cais de Santo Antônio do Içá, uns esperavam um peixe. Outros, um homem. Saiu Martin, pele de borracha bicolor, óculos enviesados na testa, à procura de quem lhe indicasse o caminho na terra. Até então tinha sido mais ou menos assim: à margem do rio, uma autoridade do município, pré-avisada de sua chegada, cumprimentava sua façanha e o acompanhava até uma "festa". Mas o prefeito de Santo Antônio tinha sumido do mapa dias antes e ninguém assumiu o papel de anfitrião. No breu das 19h, Martin foi içado pelo povo. Um cidadão começou a correr do seu lado, outro também, e o homem-peixe se viu engolido por uma maratona morro acima, até o ponto mais alto do município. Nem teve tempo de dizer "Bom dia, Santo Antônio do Içá", em português trôpego. O povo começou a correr ladeira abaixo, ele junto, até o ponto de chegada. Foi devolvido ao rio, feito tucunaré em pesca esportiva.

Em 66 dias de travessia pelo



AMAZON SWIM/OZONE/DIVULGAÇÃO

ATRAÇÃO - De boca em boca, uma cidade avisava a outra da chegada do homem-peixe. Martin quis chamar a atenção para a devastação e poluição da Amazônia

Amazonas, o esloveno Martin Strel aprendeu que brasileiro é bicho diferente. Do bem, mas diferente. Enquanto nadou no trecho peruano do rio, de 1º a 22 de fevereiro, viu crianças assustadas com sua máscara amarela - um trapo de camiseta recortado nos olhos e na boca para que ele se protegesse do sol. Martin havia testado 15 marcas de protetor solar, mas nenhuma delas impediu as queimaduras de segundo grau no rosto. Teve de apelar para a máscara e um chapéu de abas longas, que usava quando nadava de costas.

Pois enquanto os *niños* se refugiavam em casa, os ribeirinhos amazenses se jogavam na água para saudá-lo. Foi assim logo no começo do trecho brasileiro, em Tabatinga, divisa com o Peru e a Colômbia. Quando o alto-falante anunciou sua chegada, uma molecada saltou em queda livre no rio. Em terra, dez índias dançarinas de boi-bumbá (que ele pensou legítimas) o acolheram ao som de fogos de artifícios. Andou 1 quilômetro embaçado, sem tirar os óculos de natação.

Quase um mês depois, já acostumado com o "pandemonium", o esloveno chegou à confluência do Negro com o Amazonas. Faltando 5 quilômetros para completar a jornada do dia, sete jovens e delineados campeões brasileiros de natação decidiram acompanhá-lo trecho abaixo. O primeiro pediu arrego ao barco da expedição nos

primeiros 1.000 metros. Os demais ficaram na rabeira. Martin havia nadado 39 quilômetros e mantinha o ritmo compassado, braçadas firmes, cabeça enfiada na água parda.

Então quem se assustou foi quem esperava a chegada de um Michael Phelps de águas abertas. Martin Strel ostentava um perfil abdominal compatível com seus 52 anos, mas aparentemente disforme com a empreitada. "Ele não tem o tipo físico padrão, mas é impressionante como sabe guardar energia e manter a mente focada", diz Yoram Yale, israelense que representou o Brasil na expedição.

Diz Martin que, à medida que enfrentava refluxos da correnteza, tempestades, ventos, medo de crocodilos e mordiscadas de piranhas, visitava a família em pensamento. Abraçou a esposa e a filha e pensou na Eslovênia, onde começou essa história de nadar que nem um doído em nome de um bem maior. Em 1991, quando a Eslovênia discutia a independência da Iugoslávia, Martin afirmou que atravessaria o Krka, maior rio do país, se o processo democrático fosse adiante. O rio é um fio de torneira se comparado ao Amazonas, mas bastou para viciar. Nos anos seguintes, ele atravessou lagos e mares até desembocar em 2000 no rio Danúbio, o segundo maior da Europa (o primeiro é o Volga). Fez 3.004 quilômetros em 58 dias e entrou para o Guinness. Em



DOMINGO, 8 DE ABRIL

Queimaduras de 2º grau

●●● Martin Strel chega a Belém depois de percorrer a nado, por 66 dias, 5.430 km do Rio Amazonas. O nadador esloveno perdeu 17 quilos e tinha queimaduras de segundo grau no rosto. Strel já percorreu o Rio Danúbio, na Europa, e o Mississippi, nos EUA.

2002, outro recorde: 3.797 quilômetros em 68 dias no americano Mississippi. Em 2004, 4.003 quilômetros em 50 dias no maior da China, o Yangtzé.

A idéia do Amazonas surgiu no ano seguinte. O megaprojeto envolveu uma equipe que flutuou entre 22 e 28 pessoas, gente da Eslovênia, da Suíça, dos EUA, de Israel, do Brasil. Seu filho, Borut, líder da expedição, acompanhou o pai no barco Cassiquiari - às vezes mais de perto, numa navegação menor, apitando a cada tronco ou obstáculo à frente. A médica Leoni Stanonik também teve trabalho. Martin sofreu com diarreia,

náusea, pressão alta, desidratação, infecção por amebas e feridas abertas na parte de trás das pernas, quando o barro penetrou na roupa e ficou lá, atritando. Leoni, ela própria, baixou no hospital com um choque anafilático provocado por reação alérgica. Leoni, ela mesma, ainda operou uma adolescente perto de Juriti.

"Depois de cair de uma árvore, a garota foi atravessada por um galho que estava no chão", conta Yoram Yale. O pai, no desespero, saiu rio adentro atrás do Cassiquiari, atraído por aquele monte de tecnologia. A equipe decidiu que Martin continuaria nadando seus 80, 90 quilômetros diários, assessorado pelo barco menor. Leoni fez a cirurgia e salvou a adolescente. Não chegou a usar a telemedicina, mas poderia. A equipe de Yoram tem um projetor de piloto ligado à Universidade de Arizona, cujos médicos podem indicar tratamento a distância. O israelense quer botar a telemedicina para funcionar em pelo menos 10 cidades do Pará e do Amazonas usando o sistema wireless.

Martin quase perdeu seu fio-terra em dois momentos. Um quando ele e o navegador se distanciaram do Cassiquiari e acabaram à deriva. Enfiaram-se na mata com mil muriquós à volta, descansando em turnos para serem resgatados pelo barco-mãe. Outro sufoco foi a travessia do Estreito de Bre-

ves, em que a forte correnteza transformava avanço em marcha-a-ré. Martin dormia pouco, sofria com câimbras e tinha tontura quando saía da água. Decidiu, então, nadar à noite, mas na surdina e na penumbra, para não atrair tubarões nem outros predadores. Pelo menos quanto aos piratas que afloram no Amazonas, a equipe tinha se resguardado: contrataram sete seguranças armados para fazer a vigília.

No dia 8 de abril, às 11h40, o homem-peixe apontou na Estação das Docas, em Belém. Já tinha batido o recorde dos 5.430 quilômetros, a capital ficava fora da rota, mas representava o *gran finale*. Pela internet, os cinco continentes acompanhavam a recepção a um herói de guerra. Com a pressão no limite de um ataque cardíaco, 17 quilos mais magro, Martin foi acomodado numa cadeira de rodas e coberto com a bandeira do Pará. Nem ficou para a festa, foi direto para o hospital. De lá, mandou a mensagem: quer ser o embaixador do Amazonas. Viaja em breve para a Europa e os Estados Unidos vangloriando a América do Sul, "o continente mais limpo do mundo", pregando a preservação da floresta e pedindo mais atenção aos que sofrem com Alzheimer e outras doenças degenerativas. Enquanto isso, continua no Brasil falando "bom dia" a qualquer hora e "obrigado" a qualquer tempo.●

AMAZON SWIM/OZONE/DIVULGAÇÃO



ENTRE UMA BRAÇADA E OUTRA - 1. Depois das queimaduras de 2º grau no rosto, proteção total 2. À vontade na recepção 3. Nas horas vagas, música country 4. Morto de cansaço na chegada a Belém